

Homossexualidades, gênero e direitos humanos: questões que dizem respeito a todos(as) nós

Fernando Silva Teixeira-Filho*

Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP

CASTAÑEDA, Marina. *Comprendre l'homosexualité: Des clés, des conseils pour les homosexuels, leurs familles, leurs thérapeutes*. Paris: Robert Laffont, 1999.

Por que, atualmente, a homossexualidade é um assunto que diz respeito a todos(as) nós? Após a publicação da *Declaração dos Direitos Humanos* em 1948, as pessoas, de algum modo, passaram a estabelecer novas relações com as suas nações de origem, isto é, não concebiam mais um Governo que lhes “cobrasse” doses de nacionalismo a partir da exigência unívoca de seus deveres. Uma nação se faz, a partir desta referência, levando-se em conta os direitos de seus cidadãos. As nações passaram, então, a ter para com os seus cidadãos deveres que lhes são inalienáveis e eles têm o direito e o dever de cobrar da nação a efetiva realização dos mesmos.

Nos anos 50, um importante estudo no campo da sexualidade humana chocou a puritana opinião pública americana. Trata-se do trabalho do médico Alfred Kinsey. Os resultados de sua enquête o qual mostrou que 50% dos homens interrogados já sentiram atração por um outro homem (28% para as mulheres), e que 37% tiveram ao menos uma relação homossexual chegando ao orgasmo (20% para as mulheres). Os EUA daquela época para os quais a homossexualidade era uma ameaça se sentiram ameaçados. Mas a homossexualidade ameaçava o quê exatamente? Na verdade, Kinsey conseguiu desnaturalizar o binarismo científico, fundado em bases míticas, de que só existia uma orientação sexual “normal”: a heterossexualidade. Assim, além de colocar em cheque as referências sociais heteronormativas da época, ele concluiu que a sexualidade humana é muito complexa, passando por uma variedade de comportamentos que se alteram conforme o sexo, a raça, a cultura, a religião, a sociedade e a idade.

Na década seguinte, esse mesmo país conservador em suas crenças quanto à sexualidade humana iria ser novamente abalado com outra revolução, mas, desta vez, produzida pela indústria farmacêutica. A invenção da pílula anticoncepcional acelerou o processo de reflexão das mulheres quanto ao controle de sua própria sexualidade. A partir deste momento, elas não dependeriam mais dos homens para controlarem a natalidade. Poderiam ter prazer sexual sem se preocuparem em engravidar, sem terem que apelar à boa vontade dos homens quanto à utilização do preservativo. Assim, as mulheres foram às ruas em passeatas feministas favoráveis ao aborto, ao divórcio e à pílula anticoncepcional. Paralelamente ao fracasso da investida americana contra o comunismo no Vietnã, uma outra manifestação política no campo da sexualidade despontou nas ruas de Nova Iorque. Trata-se da passeata dos gueis e lésbicas contra a ofensiva policial que constantemente vitimizava os frequentadores do *Stonewall*, no *Green Village*. A partir daí, em clima de filme de exportação à *la Hollywood*, a relação das pessoas com a sexualidade veio se transformando substancialmente.

* Professor Assistente Doutor junto ao Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

Ainda que inicialmente estas mudanças não tenham tido atravessamentos políticos substanciais - não passando de focos revolucionários às vezes integrados, mas na maioria isolados -, este panorama se modificou com o advento da aids na década de 80. De lá para cá, a (homo)sexualidade deixou de ser uma questão restrita ao domínio acadêmico ou à intimidade de cada um, e já não é mais possível pensá-la sem que se leve em conta também as políticas públicas de saúde, de educação e de direitos humanos.

É nesse sentido que finalizamos o século XX com a *Declaração Universal dos Direitos Sexuais*, e iniciamos o século XXI levando em conta que toda a discussão sobre os direitos civis, a liberdade individual, a tolerância, o pluralismo, a saúde e a educação vê-se atravessada transversalmente ou diretamente pelo tema da homossexualidade. Este já não é, portanto, um assunto restrito às religiões (que a viam como pecado), às instituições jurídicas (que a viam enquanto um crime¹) ou à ordem médica (que a categorizava como doença mental²), mas um tema que diz respeito a todos já que é uma questão de cidadania e uma dentre as tantas formas diversas de expressão da sexualidade humana.

Em termos de Brasil, país saído do terrorismo da Ditadura Militar na década de 80, a questão da (homo)sexualidade chega ao Congresso Nacional em 1995 por intermédio da psicanalista e então deputada do Partido dos Trabalhadores, Marta Suplicy. Ela enviou ao Congresso Nacional um projeto de Parceria Civil Registrada que daria direitos civis e constitucionais às uniões homossexuais (femininas ou masculinas). Tal projeto, ainda em tramitação, reflete o grau de inserção social da temática na vida política da nação³.

Apesar de todas essas importantes mudanças, vemos que a homossexualidade, ainda hoje é abordada com pudor, medo, silêncio, enfim, com muita dose de estigmatização e homofobia seja pela família e seu entorno, ou ainda pelas instituições escolares, desportivas, hospitalares, jurídicas, militares ou religiosas. Tal rejeição ou silêncio, muitas vezes de reprodução automatizada, pois que irrefletidas no comportamento da esmagadora maioria das pessoas, podem ter conseqüências mais ou menos dramáticas para a pessoa homossexual, como por exemplo: depressão, crise de identidade, suicídio, condutas de vício, comportamentos sexuais de risco de infecção ao HIV/AIDS, etc. que têm como base a não aceitação de si mesmo.

Parece-nos então fundamental que as pessoas, homossexuais ou não, iniciem uma reflexão sobre as questões relativas à orientação sexual homossexual e coloquem em questão as ações adaptadas às realidades em direção a um público mais amplo. E mais especificamente, que os profissionais da saúde, judiciário e educação entendam que possuem um papel fundamental na construção da cidadania efetiva desta população, que há anos sofre com a homofobia e a estigmatização.

É neste sentido que o livro de Marina Castañeda, *Comprendre l'homosexualité : Des clés, des conseils pour les homosexuels, leurs familles, leurs thérapeutes*⁴ vem contribuir para os estudos sobre a homossexualidade e, sobretudo, para os profissionais da saúde, os pais e os próprios homossexuais, abordando de modo claro, sem clichês ou sensacionalismo, questões

¹ Foi apenas na década de 80 que Portugal discriminalizou a homossexualidade cuja prática, para os homens, era condenável à prisão caso este tivesse assumido o papel de passivo, isto é, se tivesse se deixado penetrar.

² Sem precisarmos refazer a história, lembremos que, bem próximo de nós, em 1985, a Sociedade Brasileira de Medicina retirou a homossexualidade da lista das doenças mentais (na época, portanto, chamava-se o comportamento homossexual de homossexualismo).

³ Para se ter uma idéia do quanto esta questão passou a ser de 'fórum comum', isto é, de cidadania, as uniões homo-afetivas já são legitimadas em mais de 70 países ocidentais.

⁴ Originalmente editado por Editions Robert Laffont, Collection Réponses, 265 p. Este livro está sendo traduzido pelo autor da resenha e pela professora Brigitte Hervot, do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual Paulista-Campus de Assis. Há uma versão em castelhano do mesmo, a saber: *La experiencia homosexual. Para comprender la homosexualidad desde dentro y desde fuera*. Coleção Ensayo. México: Paidós, 2000, 247 p.

do cotidiano da pessoa homossexual, suas relações com os familiares e sua vida amorosa e sexual.

De início, a autora nos lança a seguinte questão: O que é ser homossexual? Pois, se hoje se afirma e se reivindica a própria homossexualidade, a incompreensão, a desconfiança, e, em alguns casos, o ódio, se mostram freqüentes. Entendendo que a homossexualidade é uma diversidade sexual vítima da homofobia e da estigmatização, a autora irá abordar os efeitos desses elementos opressores na subjetivação das pessoas homossexuais ou não, já que, segundo sua visão, as identidades sexuais homo, hetero ou bissexuais se constituem sempre umas em relação às outras, pois que são mais referências inscritas nas relações sociais e menos inerentes ao psiquismo humano. Para defender este ponto de vista, a autora faz um apanhado das várias teorias que tentam explicar a homossexualidade. Ela nos mostra como, aos poucos, na história, a heterossexualidade tornou-se norma e referência de normalidade. Uma normalidade que, como tantas outras, passou a ser naturalizada a ponto de dizermos: “É natural ser heterossexual”. Assim, torna-se difícil para aquele ou aquela que escolhem a homossexualidade integrar-se na sociedade heterossexual.

Desse modo, a autora nos oferece uma análise da dimensão psicológica da homossexualidade, mostrando que a mesma se constitui em referência à sua exclusão social - que é um efeito da homofobia e da estigmatização. Para tal, de início, ela irá tratar da “origem” e, sobretudo, da experiência de se descobrir homossexual. Portanto, irá abordar a infância e a adolescência dos homossexuais, do lugar particular que eles ocupam em suas famílias, das vicissitudes da clandestinidade, das inúmeras manifestações de homofobia interiorizada, da dinâmica do casal homossexual masculino e feminino (que são bem diferentes daquelas encontradas nos casais heterossexuais), enfim, de inúmeros e diferentes aspectos da experiência subjetiva da homossexualidade, a partir de sua experiência clínica, de depoimentos e de referências teóricas.

Uma distinção radical para a autora reside, justamente, na idéia de opção inconsciente versus consciente. Por um lado, a orientação sexual, entendida enquanto uma atração física e amorosa em direção a alguém do mesmo sexo biológico ou de outro, ou para ambos, é uma questão de “escolha inconsciente” da qual ninguém sabe expressar-se conscientemente. Enquanto psicanalista, não poderia ser diferente: a orientação sexual é fruto de um trama pulsional que remete a circuitos de fantasias inconscientes e, portanto, pouco acessível à linguagem. Trata-se, antes, de uma lógica de sensações (físicas ou não), de um regime (ainda?) incompreensível para a consciência. Assim, ninguém se sente atraído por alguém considerando apenas o órgão sexual de outrem. Antes, trata-se de percebermos o regime intensivo que se estabelece em uma relação, bem como a representação que fazemos de nós mesmos e dos outros. Por outro lado, a questão da identidade sexual, entendida enquanto uma manifestação social do desejo, é da ordem da consciência. Isto é, uma pessoa pode decidir não apenas *quando* manifestar sua orientação sexual, mas também *como* irá fazê-la. Assim, no caso da homossexualidade, pode-se viver este desejo explicitamente ou não. E para cada uma destas maneiras de experienciar o desejo, há identidades já disponíveis no *sócius* e outras que ainda estão por ser inventadas. A identidade sexual é, assim, um elemento imaginário e social que serve de veículo para a manifestação do desejo sexual. Há, entretanto, elementos inconscientes deste imaginário que são, na verdade, verdadeiros condicionantes da sua construção, a saber: o sexismo, o machismo e a heteronormatividade. Tais elementos vão ser fundamentais para a composição das identidades homossexuais que, de algum modo, os têm como referência seja para se opor ou para a eles se aderirem.

Assim, por exemplo, a construção de uma identidade guei calcada no mito da “bicha fechativa”, isto é, daquela que desmunheca, que é efeminada e, durante o ato sexual, é vista como passiva (que se deixa ser penetrada), corresponde ao imaginário heterossexual de que,

se um homem ama um outro homem, ou simplesmente se interessa por ter prazer sexual com outro, um deles terá que fazer o papel da “mulher”, sendo este, então, o que será reconhecido como tendo uma identidade homossexual. Isto porque aquele que penetrou não deverá desmunhecar ou efeminar-se, de modo que este último ou é visto como “menos homossexual” que o outro, ou apenas como um homem desviante, mas nunca um homossexual. Tal imaginário, como mostra a autora, nasce no fim do século XIX, coincidindo com o nascimento da Sexologia e com o poder investido à Psiquiatria. Temos aí uma necessária união entre a ciência e os laços de convivência sociais na construção de identidades, atravessados pela dominação masculina que afirma sua virilidade a partir da exclusão de tudo aquilo que a ameaça: a saber, o feminino.

Este modo de produção da subjetividade heterossexual masculina e feminina, analisado aqui pela autora (nos moldes da escrita excitante de Simone de Beauvoir), segundo ela, deu origem ao ódio contido ou manifesto em relação aos homossexuais, também conhecido, por definição, como homofobia. Mais do que analisar a homofobia dirigida em relação aos homossexuais, a autora se preocupou em descrever as formas e as conseqüências da homofobia internalizada, reificada e manifestada pelos próprios homossexuais, assumidos ou não. Aqui, o trabalho da autora se torna fundamental para os profissionais da saúde, uma vez que os força a repensarem conceitos diagnósticos, especialmente aqueles feitos fenomenologicamente, isto é, a partir da descrição sintomática, pois a homofobia gera comportamentos e atitudes de mentira, usada para se defender da exclusão social e do desenvolvimento de diferentes identidades, conforme o contexto em que se insere a pessoa homossexual. Tal dificuldade de lidar com a exclusão social leva muitos jovens homossexuais ao desespero e à depressão. Assim, não é incomum que muitos jovens homossexuais (especialmente os do sexo masculino) já tenham tentado suicídio. Segundo a autora:

Existem riscos importantes de depressão durante esta fase. De fato inúmeros estudos mostram que a taxa de suicídios é extremamente elevada entre os adolescentes homossexuais. Nos Estados Unidos, os jovens homossexuais (de ambos os sexos) representam um terço de todos os suicídios juvenis (enquanto os homossexuais constituem no máximo 5 ou 6% da população). Um em cada três homossexuais tentou se suicidar pelo menos uma vez⁵. É possível que muitos problemas observados entre os adolescentes (alcoolismo, uso abusivo de drogas, condutas delinquentes, depressão) comportam um elemento de confusão a respeito de sua orientação sexual.

Neste caso, como defende a autora, fica demonstrada a importância de se levar em conta, durante os atendimentos clínicos, a história de construção da sexualidade de cada pessoa que procura um tratamento psicológico, no sentido de tentar demover vestígios ou evidências de homofobia internalizada. Segue, a partir daí, toda uma série de “conselhos e sugestões” que são oferecidos aos profissionais das áreas “psis”, baseados na experiência clínica de mais de 20 anos da autora junto à população de homossexuais masculinos e/ou femininos jovens, solteiros ou em regime de parceria.

Compreender a construção social, cultural e individual da homossexualidade, para nós mesmos, quando nos descobrimos atraídos por pessoas do mesmo sexo biológico que o nosso - especialmente nos casos em que ao nosso redor a vivência da homossexualidade é vista como uma ferida narcísica aos pais, gerando nos jovens sentimentos de culpa e/ou rejeição -, ajuda a pessoa a melhor aceitar os seus desejos e, claro, a buscar referências sociais positivas

⁵ P. Gibson (1989). Gay male and lesbian youth suicide. Em U.S. Department of Health and Human Services. *Report of the Secretary's Task Force on Youth Suicide*, Washington, D.C., U.S. Government Printing Office. Ver também Andi O'Connor (1995). *Breaking the silence*. Em Gerald Unks (ed.). *The Gay Teen*, Nova Iorque, Routledge, p. 13; Gary Remafedi (1991). Risk factors for attempted suicide in gay and bisexual youth. Em *Pediatrics*; e Gary Remafedi (1995). *Death by Denial: Studies of gay and lesbian youth suicide*. Boston, Alyson Publications.

para a construção de sua própria identidade. E nesse aspecto, a diferença entre a vivência dos jovens sobre a heterossexualidade e a homossexualidade são radicais. Enquanto que, para o primeiro, a sociedade oferece inúmeros modelos positivos de referência do que é ser heterossexual, para o segundo, o “arco-íris” da diversidade se fecha, pois os tabus, os imaginários, os veículos de comunicação, a literatura, enfim, os diversos meios de informação social restringem a imagem do homossexual ao clichê da pessoa problemática, infeliz, fadada à tragédia e/ou ao drama. São raros os modelos de referência em que a pessoa homossexual será aquela que “se dará bem” no fim da história. Normalmente ela morre durante uma novela (em geral, assassinada) ou fica sozinha ou apresenta uma patologia psiquiátrica de base ou, enfim, tudo isso junto. Sem querer ser militante ou mesmo emblemática, já que, enquanto psicanalista, não se trata de dar uma finalidade ao desejo — isso seria moralizar a psicanálise —, Castañeda, atenta para a contemporaneidade, irá mostrar como o estigma social da homossexualidade cria mecanismos de exclusão e padecimento psíquico para aqueles que são atravessados (assumidamente ou não) pelo desejo sexual em direção a pessoas do mesmo sexo biológico. Nesta linha, a pergunta é inevitável: somente os terapeutas homossexuais poderão ajudar os pacientes homossexuais? Em alguns casos, a autora ousa dizer que sim. Mas em quais casos? Naqueles aonde a questão da homossexualidade for, de fato, um problema para o paciente homossexual.

Segundo Castañeda, a homossexualidade, entendida como um direito de expressão da diversidade sexual humana, produz uma ameaça diferente daquela dos anos 50 mostrada por Kinsey. Hoje, a homossexualidade coloca em suspensão certos fundamentos da organização das sociedades onde a heterossexualidade é normativa e padrão de normalidade. Os homossexuais, sobreviventes do holocausto da Segunda Guerra Mundial, da violência policial, dos manicômios e da aids, demonstram que os seres humanos podem ser felizes fora do casamento, que eles não precisam nem de uma família, nem da Igreja, nem do Estado para formarem um casal estável. A homossexualidade coloca, assim, em questão os papéis tradicionais do homem e da mulher no seio mesmo da sociedade.

Mas, infelizmente, temos de admitir que aqueles homossexuais que desde sempre assumiram sua identidade sexual e que hoje são felizes o fazem a partir do esforço individual, a partir daquela força e vontade de viver inexplicáveis e que geralmente encontramos em vítimas de tragédias. Esta felicidade só será realmente democratizada quando existirem programas efetivos de combate à homofobia. Deve-se, portanto, abordar a questão sob diferentes ângulos e com diferentes públicos para que possamos melhor respondê-la.

Cada um de nós, independentemente de nossa orientação sexual, tem muito a ganhar ao refletir sobre um tema como a homossexualidade. Como diz Castañeda neste livro, “Em uma palavra, os heterossexuais se beneficiarão por conhecer a sua própria sexualidade no momento em que compreenderem a orientação homossexual, libertando-se assim de preconceitos e de estereótipos que lhes afetam sobremaneira”.

Que façamos disso um bom desafio a nós mesmos e à sociedade!

Sobre a autora

Marina Castañeda é psicoterapeuta de origem e de residência mexicana. É especialista em terapia familiar e em hipnose ericksoniana. Formada nos Estados Unidos da América (Universidades de Harvard e de Stanford) e na França (Escola Normal Superior), ela apresenta há muito tempo um interesse particular no que diz respeito à questão da homossexualidade em geral e, no modo como ela é abordada neste livro, na psicoterapia junto a esta população. É co-diretora do Instituto Milton H. Erickson de Cuernavaca, México, onde se dedica também ao ensino e à escrita, tendo publicado vários livros. Para maiores informações, vejam a *homepage* da autora no seguinte endereço: <http://www.marinacastaneda.com/>